

Ingresso de R\$ 35 bi dá folego ao mercado, mas investidor vê riscos adiante

BOLSA EM ALTA, DÓLAR EM BAIXA

ESTRANGEIROS DE VOLTA

Ingresso de R\$ 35 bi dá folego ao mercado, mas investidor vê riscos adiante

VITOR DA COSTA
vitor.santos@oglobo.com.br

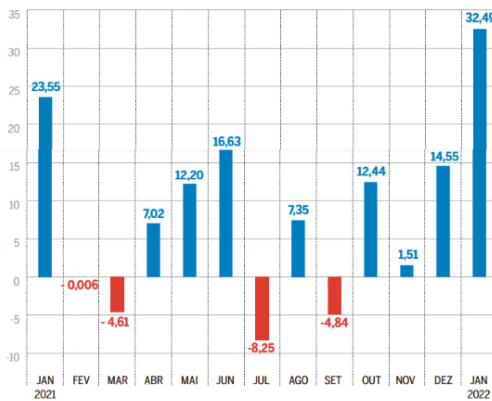
Impulsionado pela entrada de recursos de investidores estrangeiros, o mercado financeiro iniciou o ano em trajetória de recuperação. O Ibovespa, índice de referência na Bolsa, acumula alta de 7,08%, e o dólar tem queda de 4,56% até sexta-feira.

No mês de janeiro, a Bolsa atraiu R\$ 32,49 bilhões de investidores fora do Brasil, o quarto mês seguido de ingresso de recursos e a segunda maior marca em um período de dez anos. Até 2 de fevereiro, esse movimento prosseguia em alta, com um total de R\$ 35,10 bilhões aplicados. As razões que justificam o apetite destes investidores são várias. A Bolsa brasileira ficou barata depois de ter acumulado desvalorização de 11,93% no ano passado. Além disso, analistas apontam um movimento de busca por papéis ligados a commodities.

MOVIMENTO DE RECUPERAÇÃO

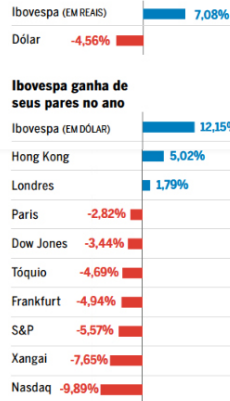
Participação de estrangeiros no Ibovespa

Volume de recursos
(Fluxo por mês em R\$ bilhões)



Fontes: B3 e Investing

O comportamento dos indicadores no ano



Editoria de Arte

ELEIÇÃO EM SEGUNDO PLANO

A preocupação com fatores econômicos deixou em segundo plano o que seria impensável em outros tempos: o cenário eleitoral. Economistas de bancos e gestoras, em geral, evitam discutir abertamente as expectativas para a disputa deste ano. Em conversas reservadas, afirmam que Lula e o presidente Jair Bolsonaro, os dois primeiros nomes nas pesquisas, têm histórico bastante conhecido.

A avaliação entre os analistas é que alguns dos potenciais medos de guinada na condução do país já foram incorporados aos preços no fim do ano passado. Além disso, a leitura é que as principais candidaturas devem se aproximar do centro e adotar postura mais pragmática.

Isso não significa, porém,



“O quadro político está mais ou menos estabelecido, mas tem dinâmicas que surpreendem. Talvez tenhamos uma piora na segunda metade do ano”

Alexandre Schwartzman,
ex-diretor do Banco Central

que o mercado financeiro esteja imune aos rumos da corrida eleitoral, ao vaivém das pesquisas e às sinalizações dos presidenciais.

— O quadro político está mais ou menos estabelecido, mas tem dinâmicas que surpreendem. Talvez tenhamos

uma piora disso na segunda metade do ano, quando ficar mais claro o quadro que vamos ter para a sucessão presidencial — afirmou Alexandre Schwartzman, economista e ex-diretor do Banco Central.

A percepção de risco eleitoral adiante não é o único fator que coloca em dúvida a manutenção da calma no mercado. A partir de março, o mercado deve passar por uma “virada de chave” com o início do processo de aumento dos juros pelo Federal Reserve (Fed, o banco central americano).

‘AÇÕES DE VALOR’

Enquanto não chega esse momento, o país tem se beneficiado de uma corrida por “ações de valor”, papéis de empresas com histórico mais consolidado e ligados a “velha econo-

mia”, como as commodities. Na sexta-feira, o barril do Brent superou os US\$ 93, na maior cotação em sete anos, e parte do mercado avalia que há espaço para chegar aos US\$ 100 nos próximos meses.

Essa procura ocorre em um momento em que os negócios ligados à tecnologia enfrentam forte oscilação. A Nasdaq, que reúne papéis do setor, acumula queda de 9,89% no ano. O Facebook teve a maior perda de valor de mercado da história na semana passada, após o balanço decepcionar investidores, e a Amazon, a maior valorização já registrada de uma companhia americana em um único pregão.

— Em momentos de aperto monetário ou ambiente inflacionário, os investidores, de maneira geral, procuram

portos seguros e vão para ações de valor. E o Brasil tem uma Bolsa com maior composição de papéis de valor do que de tecnologia — afirmou o diretor da Santander corretora, André Rosenblit.

Com mais dinheiro entrando, a cotação do dólar cai. A moeda chegou a ser negociada abaixo de R\$ 5,30 neste começo de ano e encerrou na última sexta-feira a R\$ 5,32. Para André Kitahara, gestor de portfólio macro da AZ Quest, a janela até maio pode seguir sendo favorável ao real. Uma desaceleração mais forte dos índices de inflação poderia ajudar a moeda local, à medida que aumentaria o juro real (diferença entre o juro nominal e a inflação), tornando o país ainda mais atraente para o ingresso de recursos.

— Estamos com uma moeda que se depreciou bastante e muitas empresas estão sendo vendidas (ações na Bolsa) a preços interessantes. Foi um conjunto de fatores que ajudou agora, mas não tinha ajudado no passado — afirmou o sócio-fundador e diretor de Investimentos da Kinitro Capital, Carlos Carvalho.

RISCO FISCAL E ALTA DE JURO
No radar dos investidores, porém, pairam ainda os riscos fiscais e a redução de liquidez no exterior em um cenário de alta de juros. A mudança na política monetária americana pode fazer com que os investidores prefiram se proteger na segurança do dólar e dos títulos do Tesouro dos EUA.

Muito provavelmente, janeiro vai ser o melhor mês do ano em termos de entrada de estrangeiros. E avalio que vamos ter uma pausa na queda do dólar frente ao real — afirmou Rosenblit.

Vale lembrar que o Banco Central (BC) também está em trajetória de alta de juros, embora se espere uma magnitude menor na próxima reunião. Semana passada, o BC elevou a taxa para 10,75% ao ano, o que significou uma volta ao patamar de dois dígitos após quase cinco anos.

O diferencial de juros em relação ao exterior ajuda o real, pois permite que investidores tomem dinheiro em países com taxas mais baixas e invistam em outros com juro maior e, portanto, maior rentabilidade.

De forma geral, o diferencial de juros tem impacto, mas não é o principal. A taxa de câmbio depende muito do que acontece com o preço de commodities, do que acontece com o dólar relativamente a demais moedas e de medidas de risco-país — ressaltou Schwartzman, para quem o Brasil surfou na onda positiva dos emergentes no início do ano.

O aumento de juros pode, porém, afugentar o investidor local, pois torna mais atraente o investimento em renda fixa. Somente neste ano, o saldo está negativo em R\$ 5,96 bilhões para pessoas físicas e em R\$ 3,65 bilhões para o investidor institucional.

Para Rosenblit, do Santander, a projeção de preço-alvo do Ibovespa no fim do ano é de 125 mil pontos. Hoje, está em 112.245 pontos. Mas o que se espera até lá é uma trajetória de altos e baixos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 11